

3.0. Localização

O sítio do Pombal situa-se junto ao Monte do mesmo nome, na Herdade de Torre de Palma, freguesia de Vaiamonte, concelho de Monforte, distrito de Portalegre e região do Alto Alentejo, com as coordenadas aproximadas 7°29' de Longitude W e 39°04' de Latitude N (Mapa 1 e 2).

3.1. Fisiografia

Para a caracterização fisiográfica utilizei a cartografia disponível do Atlas do Ambiente, das Cartas Corográfica, Geológica e de Capacidade de Uso dos Solos, assim como as obras de referência de O. Ribeiro (1998) e O. Ribeiro e H. Lautensach (1988), portanto, registos actuais para uma realidade do III milénio a.C. Isto porque os estudos polínicos, antracológicos, carpológicos e faunísticos para este período são dificultados pela ausência das condições de preservação dos ecofactos, mas, sobretudo, pelo vazio existente da investigação nessas áreas de conhecimento em geral e, em particular, nesta região.

No substrato geológico (Mapa 8), predominam as formações silúricas (sobretudo rochas xistosas) e câmbrias (rochas carbonatadas e xistosas), recortadas pelos maciços eruptivos granitóides de Santa Eulália e Fronteira e gabro-dioríticos de Cabeço de Vide, Vale de Maceiras e, mais reduzidos, de Monforte. Em redor destas intrusões surgem então as usuais manchas concêntricas de rochas de contacto metamorfizadas. Intercalados registam-se ainda vários fenómenos filonianos de quartzos, pórfiros graníticos e microgranitos, mas também ocorrências de minérios: de minério de cobre a cerca de 6 km a Noroeste do Pombal, próximo de um dos Montes dos Arneiros e a Sudeste, a cerca de 8 km, no Monte da Coleia (Gonçalves, 1975) e, ainda que para o período cronológico abordado possa não ser importante, refira-se o filão de Torre das Figueiras (a cerca de 4 km de Pombal) com mineralizações de zinco (Zn) e chumbo (Pb) com outros minerais inclusos. No próprio sítio do Pombal, situado numa mancha xistosa câmbria, regista-se um filão de pórfiro granítico.

A abundância de recursos aquíferos desta área tende a ocorrer nos limites das formações carbonatadas, registando-se ao longo delas várias nascentes e inúmeros poços. Estas ocorrências assumem maior importância se considerarmos a fraca rede de drenagem desta zona, inserida na área superior ou inicial da bacia hidrográfica da Ribeira Grande, subsidiária do rio Tejo. A uma dezena de quilómetros para este-sudeste, as águas provenientes da Serra de São Mamede são captadas pelo rio Caia e daí correm para o Guadiana (Mapa 10).

A bacia superior da Ribeira Grande resulta da junção das ribeiras do Freixo e do Assumar, a montante da vila de Monforte, a partir da qual usa esse nome até desaguar na ribeira de Seda, junto a Avis. É alimentada por ribeiros e arroios, apresentando esses cursos de água caudais bastante irregulares: torrenciais durante o Inverno, secos, ou quase, durante o Verão, sujeitados directamente pelos factores climatéricos.

Através do mapa 5 pode verificar-se que a área de influência imediata do habitat do Pombal apresenta uma pendente para Oeste, originando a mesma tendência nos vários cursos de água que cortam esta larga encosta. De resto, a orografia da região apresenta as características típicas da peneplanície alentejana, pontuadas por elevações proeminentes, mas não muito elevadas: no caso presente surge-nos de imediato a Serra dos Cabelos (substrato xistoso), onde se localiza a Cabeça de Vaiamonte, altitude 395 m (a Norte – Noroeste do Pombal), o monte da Capela, altitude 384 m (a este-oeste), relevo de rocha carbonatada, e a Ser-

rinha, altitude 273 m (a Sudoeste), um conjunto de conglomerado de base, que a Ribeira Grande corta no local conhecido pelo Entalão (Mapa 6-7).

Actualmente, os dados climatéricos, medidos nas estações meteorológicas de Elvas e Portalegre, apontam uma temperatura média anual do ar entre os 16-17,5 graus (dados de 1931-1960), com uma precipitação anual rondando os 400-500 mm, soprando os ventos tendencialmente de Nor-Noroeste: em Elvas, os registos apontam uma frequência de 40% de NW e 15% de W, em metade do tempo numa intensidade de 6-21 km/h; Portalegre recebe cerca de 50% dos ventos de Norte (em metade do tempo numa intensidade 6-51 km/h), 15% de NW e 20% de Sul. No entanto, considerando que os valores destes dados climatéricos tendem a extremar-se em certas estações do ano, verificamos que se registam temperaturas elevadas durante o Verão seco, com Invernos relativamente ventosos e frios, sujeitos a períodos curtos de chuva intensa. Estas características definem o clima mediterrâneo da região, condicionando o coberto vegetal.

Segundo a Carta Ecológica a região circunvizinha ao sítio do Pombal apresenta uma Área Basal (nível inferior a 400 m), sub-mediterrânea/ibero-mediterrânea com uma vegetação predominante de *Juniperus oxycedrus* (zimbros vermelho), *Olea europaea*, *sylvestris* (zambujeiro), *Quercus rotundifolia* (azinheira) e *Quercus suber* (sobreiro), correspondendo na Carta das Regiões Naturais à região do Alentejo, sub-região dos Barros de Alter (onde predomina o montado de sobreiro e azinheiro e campina de sequeiro estreme). Portanto, um coberto arbóreo resultante, parcialmente, da acção milenar do Homem e dos seus gados. No entanto, onde houve menor pressão antrópica, destaca-se a componente de *maquis*, “uma floresta degradada, própria de solos siliciosos, onde outrora predominava o sobreiro. Foi o sub-bosque, que antes medrava nas clareiras e à sombra das árvores, que se desenvolveu num matagal contínuo e muitas vezes impenetrável, onde dominam as urzes arbóreas, as cistáceas e, em certos casos, povoamentos densíssimos de medronheiros”, isto é a brenha, frequentemente constituída por estevas e giestas (Ribeiro, 1998, p. 7, 49). Bons exemplos disso podemos ainda hoje encontrar a escassos 4-5 quilómetros do Pombal: a Sul um montado de azinheira ao longo da Ribeira Grande, onde, até à crise da peste suína africana, pululavam varas de porcos; a Sudoeste, no maciço de conglomerado da Serrinha, onde o crescimento livre da azinheira, da esteva e do carrasco dificultam qualquer penetração suave.

O facto de quase não existirem na região estudos botânicos pertinentes leva-me a recorrer àqueles mais próximos no actual território da Extremadura, em detrimento daquele efectuado para o Baixo Alentejo no âmbito do estudo do sítio calcolítico do Monte da Tumba (Badal Garcia, 1987), pela distância física e distintas características fisiográficas.

E. Romero (1998, p. 201), comparando três áreas próximas (vale médio do Guadiana/faldas ocidentais da Serra Morena/Huelva) assinala o começo do período Sub-Boreal, sucessor do período Atlântico, mais húmido, em meados do III milénio na bacia média do Guadiana caracterizado por um clima seco, de tipo mediterrâneo, mas salienta que, apesar de variáveis micro-regionais, desde então não terá havido alterações significativas. No entanto, isso não implica que o mesmo se possa dizer do coberto vegetal (Romero, 1998, p. 202), pois a pressão antrópica influenciou-o claramente.

Os estudos polínicos, antracológicos e carpológicos efectuados em Pijotilla, Guadajira e Castillo de Alange, em momentos do III milénio, assinalam a presença de *Quercus* e *Olea* assim como espécies fluviais, *Populus alba* (Choupo Branco) e *Fraxinus* (Freixo) (Romero, 1998, p. 202). No entanto, começa a detectar-se um declínio do montado, que poderá estar associado à sobre-exploração do pastoreio (Romero, 1998, p. 202). A presença destas espécies tipicamente mediterrânicas concorda com a leitura climática.

O único estudo faunístico para a área de Monforte fica a dever-se ao projecto americano da *uilla* de Torre de Palma, através do arqueozoólogo Michael MacKinnon, que apresentou o texto na *American Institute of Archaeology Conference* (Texas, 1999) e no *European Archaeologist Association Meeting* (Lisboa, 2000), e de quem recebi uma cópia. Num contexto interpretado como lixeira do período romano foram recolhidos vários restos faunísticos. Aí, para além da presença de animais domésticos (suídeos, ovi-caprídeos, bovídeos e equídeos), aquele autor registou a presença de javali, cervídeo (veado) e lebre. A elevada presença de cervídeo pode sustentar a existência de áreas arborizadas, ainda que este animal possa surgir também em áreas mais abertas. O mesmo ocorre com a lebre. No entanto, o javali prefere áreas de coberto vegetal densas. Assim, apesar de muitos destes animais poderem ter sido capturados em áreas mais afastadas e trazidas para a *uilla*, o autor do estudo conclui que é plausível admitir uma área mais densamente arborizada do que na actualidade, ainda que a presença de porcos também possa ser indicativa de áreas de montado, onde estes seriam criados.

Julgo que os dados apresentados anteriormente são bastante pertinentes e, usando-os como pressupostos, poderia recuar até à ocupação humana dos IV-III milénios imaginando o sítio rodeado de *maquis*, brenhas e montados, com algumas clareiras resultantes do abate de árvores para construção e combustível, assim como para as suas actividades agro-pastoris.

Olhando actualmente para, e do sítio do Pombal, a maioria das áreas em redor, e inclusive do habitat pré-histórico, são intensamente agricultadas, graças ao regadio, com plantas arvenses, leguminosas e oleaginosas. Com certeza, a constatação da capacidade de uso do solo actual (Mapa 9), com manchas do tipo A e B-C explicará também esta exploração intensa. – todavia, alguns campos a Norte, na direcção de Vaiamonte, com maioria de B-C, seguem o ritmo mais tradicional do sequeiro estreme com pousio. Nas restantes áreas em redor, menos férteis, mais acidentadas e rochosas (com rochas carbonatadas e algumas xistosas), encontramos o plantio de olivais. Onde não foram instalados olivais, encontramos os característicos montados de azinho (a este-sul-sudoeste, ao longo da Ribeira Grande), de sobro (a Este), ou o *maquis* e a brenha, já referidos supra, na Serrinha, mas também surgindo onde a acção humana, felizmente, não se tem feito sentir.

Os recursos aquíferos deste local aparentam ser substanciais segundo o padrão exposto acima: a presença num raio de 500 m em redor do habitat de vários poços e duma nascente parece indiciar isso mesmo. Inclusive, actualmente, a exploração de regadio naquela área serve-se de uma pequena barragem adjacente ao povoado, alimentada pelo ribeiro de Palma assim como por alguns furos artesianos.

3.2. O sítio do Pombal

Os vestígios arqueológicos do Pombal foram agrupados em 6 sítios, pelas razões funcionais de registo da prospecção, referidas noutra capítulo. Partindo daí, procurei compreender, sem escavação, os processos pós-deposicionais que terão afectado a jazida, salientados por vários autores e sistematizados por J. Borja (1993).

Face aos dados recolhidos na sua globalidade, ao tipo de materiais e à sua dispersão, julgo que estamos em presença de um povoado pré-histórico relativamente extenso, mas sem limites definidos por qualquer tipo de estrutura do tipo fosso ou amuralhado — pelo menos as fotografias aéreas de baixa altitude, recentemente captadas por M. Calado, não o evidenciaram. Somente se detectou uma eventual estrutura de fosso circular deveras pequena (cerca de 20-30 m de diâmetro) e descentrada, quando comparada com a disper-

são de materiais, e onde os achados foram bastante reduzidos e um formato rectangular na área correspondente à necrópole do Pombal (Fig. 2: 1-2 e Mapa 4).

A dispersão dos materiais recolhidos não é homogénea: a maioria das peças cerâmicas recolhidas nas prospecções efectuadas por mim vem sobretudo da área da necrópole tardoromana, correspondendo ao Pombal 1, juntamente com todo o restante leque de materiais. No entanto, na área mais a Norte de Pombal 1 recolheram-se percutores, instrumentos de pedra polida (*ppo*) e cerâmica de revestimento (*crev*), ocorrendo idêntica situação em Pombal 2, para além do espólio romano. Em Pombal 4 assinala-se a grande quantidade de *crev* de dimensões razoáveis (alguns com dimensões entre 20-30 cm), juntamente com percutores, uns poucos fragmentos de recipientes cerâmicos e elementos de moagem. Em Pombal 3 registei apenas um *ppo* e *crev*, em Pombal 5 um achado isolado de *ppo* e em Pombal 6 achados dispersos de percutores e um elemento de moagem.

As informações orais obtidas sobre as cavações de Heleno, assim como as recolhas de João Peixe (filho), apontam o patamar onde se localiza a necrópole como a área principal dos achados, ainda que também se alarguem para junto das casas do Monte e para Pombal 2. Face a isso, podem levantar-se duas hipóteses sobre os fenómenos tafonómicos envolvidos: os materiais pré-históricos recolhidos são o resultado da implantação das sepulturas e depois o refugo dos antigos trabalhos de Heleno; ou, são o produto de revolvimentos posteriores devido a maiores profundidades da charrua (pode chegar até cerca de 50 cm) – na primeira visita ao local, com Carla Lopes, em 1996, então com uma plantação de girassol, foi possível verificar uma dispersão na área da necrópole que parecia seguir a orientação da lavra partindo do caminho, mas próximo detectámos um furo de alimentação de um pivot de rega recentemente colocado, ao qual apontámos alguma da responsabilidade na situação. Contudo, só em 1998, quando houve a necessidade de reparação da conduta de água para o *pivot*, percebemos que a tal dispersão também estava relacionada parcialmente com a vala anteriormente aberta, ao longo do dito caminho, e que não fora avistada por nós anteriormente. Então, foi possível verificar que naquela área o estrato arqueológico aparecia revolvido até cerca de 50 cm, mas preservando-se ainda uma camada abaixo dessa cota com cerca de 20-30 cm. Nessa altura não foi possível obter imagens nem proceder a uma leitura estratigráfica, face à diminuta receptividade do rendeiro daqueles terrenos. Já anteriormente, a minha intenção de efectuar uma sondagem arqueológica tinha sido recebida com apreensão. Isto, juntamente com a falta de verbas para o projecto COMONPH, pôs de lado qualquer intenção mais concreta. Não obstante, a reabertura da vala permitiu perceber que a maior concentração de materiais poderá dever-se em grande medida à remoção localizada das terras para instalação da conduta de água.

A. Clarke (1992; e, posteriormente na Secção Torre de Palma, no *European Archaeologist Association Meeting*, Set. 2000), ao estimar a média de sedimentação ocorrida no sítio de Torre de Palma, verificou que a deposição de sedimentos provenientes do monte da Capela terá sido acelerada durante a época medieval. Assim, formou-se uma camada de sedimentos com cerca de 60 cm que cobriu as ruínas de Torre de Palma e da sua igreja paleocristã, à qual, curiosamente, está adossada uma nova ala de época medieval, denominada igreja de S. Domingos, mas com algumas fundações sobre parte dos níveis de sedimentos. Ora, o sítio do Pombal dista cerca de 500 m dessa igreja, pelo que poderá ter sido sujeito a depósitos semelhantes. Ainda, sendo esses sedimentos de origem carbonatada, compreende-se o estado concrecionado dos materiais ali recolhidos, característica referida noutro capítulo que permitiu distinguir os materiais pombalinos daqueles da Cabeça de Vaia-monte. Portanto, os depósitos apontados resultaram numa considerável potência estratigráfica e, até certo ponto, terão contribuído para a actual capacidade de uso dos solos de cate-

gorias A e B-C. Curiosamente, ao longo do sopé dos montes da Capela o solo apresenta a categoria A, sendo designado pelos locais como a Lameira, o que não será estranho devido ao facto de se tornar num lamaçal após períodos de chuva.

Face ao exposto, julgo que a concentração de materiais calcólicos em Pombal 1 se deverá, numa percentagem razoável, às mexidas no subsolo mais intensas que se registaram ali — instalação de habitat romano, implantação de sepulturas, escavações da “Era Heleno” e trabalhos agrícolas modernos, nomeadamente a instalação de infra-estruturas. Assim, noutras áreas, apenas nos últimos anos com a intensificação dos trabalhos agrícolas, começaram a evidenciar-se mais vestígios — por exemplo, é o que parece ocorrer com Pombal 3 e 4. Contudo, a lavoura não é suficiente *per se* para mobilizar e deslocar os materiais a grandes distâncias. Os únicos exemplos contrários são algumas mós dormentes de maiores dimensões que são apanhadas, acabando nos morouços locais e/ou reutilizadas no “empedrado” dos caminhos dali.

Na leitura atrás apresentada resta notar um vazio de conhecimento na área da Tapada do Monte de Torre de Palma. É que durante os últimos anos esta zona tem estado abandonada, apresentando-se quase em “brenha”, tornando impossível qualquer avaliação dos vestígios. Todavia, graças a uma limpeza de vegetação dos pátios do Monte, efectuada pela equipa americana de Torre de Palma em Junho de 2000, foi possível recolher quase uma dezena de percutores e instrumentos de pedra polida; todavia, estes artefactos poderão provir dos campos em redor, quiçá do Pombal. Segundo trabalhadores locais estes eram utilizados para segurar as portas das casas, mantendo-as abertas, ou como simples percutores/esmagadores.

Resumindo, numa perspectiva diacrónica, no sítio do Pombal terá sido implantado um habitat calcólico, posteriormente abandonado. Em época romana é implantada uma habitação e, em certo momento, talvez simultaneamente, instala-se, a escassas dezenas de metros, um cemitério tardo-romano, que abre as suas sepulturas na jazida pré-histórica. Em época moderna, é construído o Monte de Pombal a cerca de 100 m do Monte de Torre de Palma, mas afastado da área da necrópole romana uns 30 m, conscientemente ou não. Por fim, o sítio sofre a intervenção arqueológica de Heleno e, nas últimas décadas, uma intensificação da lavoura, que atinge maiores profundidades.

Considerando os dados apresentados, julgo que é possível ter uma ideia da dimensão do povoado pré-histórico, localizando-se num extenso patamar entre os ribeiros de Palma e da Carrilha, sobretudo na encosta virada para o primeiro ribeiro, orientada para o Sul-Sudeste, mas também ocupando a encosta da outra margem, virada a Sul. Restaria saber se estamos perante um palimpsesto, uma ocupação contemporânea de todo esse espaço ou uma estratigrafia horizontal. Julgo que só com uma escavação programada para esse fim poderíamos chegar a alguma conclusão (se outras dúvidas não levantasse!), ainda que I. Hodder e C. Orton (1990, p. 29) apontem a extrema dificuldade de tal objectivo. Contudo, julgo que o exemplo de Moinho de Valadares 1, Mourão (Valera, 2000) poderá ser elucidativo: aí, com a realização de sondagens em 2 sectores distintos, verificaram-se dois momentos cronológicos contínuos (Neolítico final — Calcólico), com uma possível deslocação espacial de vertente para local mais próximo do topo; noutra hipótese, estas diferenças seriam especificidades funcionais das várias áreas, resultando em achados próprios (Valera, 2000). Para Pombal, por ora, admito como hipótese uma contemporaneidade relativa de ocupação para este povoado, ainda que tendo presentes as hipóteses apontadas.

Topograficamente, o povoado do Pombal não apresenta características defensivas, ocupando sobretudo o vale suave relacionado com o ribeiro de Palma. Contudo, dada a sua posição na região envolvente (Mapa 6), possui o domínio de uma paisagem relativamente

ampla (cerca de 5 km) para Oeste e Sul (Mapa 6 e 7: 1), limitada por alguns relevos destacados, de que seria interessante conhecer a presença humana sincrónica. Simultaneamente, nessa direcção, à distância, poderia ser localizado pelos relevos que o enquadram ou pelos sinais de fumo que com certeza se produziriam das estruturas de combustão. Todavia, para Norte e Este a visibilidade reduz-se drasticamente podendo observar-se as nuances do terreno apenas a uns escassos 2 km, mas sem um controlo da paisagem tão marcado (Mapa 6 e 7: 2). Isto acontece devido aos enrugamentos da Serra dos Cabelos (de componente xistosa) e à cadeia de cabeços de rochas carbonatadas que culmina no monte da Capela, formando um conjunto que se prolonga numa orientação NW — SE (Mapa 7: 2). Aliás, dos topos de alguns destes relevos facilmente se controlaria visualmente todos os movimentos dos locatários do Pombal. A aplicação de escalas de observação (Gonçalves; Sousa, 1997, p. 615 e 2000) neste povoado permite presumir que a preocupação por ver e ser visto estariam quase em pé de igualdade, demonstrando um vivência pacífica daquela população.

Se admitirmos uma certa permanência do regime geral dos ventos desde o III milénio, predominantemente de NW, a implantação do Pombal torna-se curiosa, pois ocupa uma pendente SE e a outra margem do ribeiro de Palma, que acaba por estar a coberto desse relevo. Esta inferência necessitaria de bases mais sólidas, mas a ocupação das pendentes viradas a Este nos casos de Cabeça de Vaiamonte e de Santo António 3, ou da instalação em área abrigada por lomba de terreno, caso de Manteigas 2 (numa vertente para Noroeste), torna-se uma coincidência difícil de ignorar. Não será por acaso que a actual aldeia de Vaiamonte se instala a Este, imediatamente por trás dos montes da Cabeça.

Assim, estamos em presença de um povoado de dimensões aparentemente grandes, sem notórias preocupações de defensabilidade, onde o conforto da instalação foi prioridade, abrigando-se dos ventos dominantes e satisfazendo as necessidades básicas de água da sua população. Também, nesse sentido a diversidade geomorfológica e de solos proporcionaria um leque de biótopos que permitiria aos ocupantes do povoado efectuar alguma caça e recollecção e, simultaneamente, a agricultura e o pastoreio de gados ovi-caprídeos e suídeos. Estas inferências parecem ser comprovadas parcialmente pela caracterização geográfica apresentada acima, mas também pelo estudo das evidências materiais e artefactuais.

